

DOI: <http://dx.doi.org/10.55602/yq19en60>

INTELIGÊNCIA CONCIPIENTE: um diálogo entre Zubiri e Francisco CONCIPIENT INTELLIGENCE: a dialogue between Zubiri and Francisco

Giovani Meinhardt¹
Valeriano dos Santos Costa²

Resumo: Este artigo apresenta as questões teóricas sobre o desafio da inteligência concipiente. A realidade não está subjugada aos conceitos e, por isso, o filósofo espanhol Xavier Zubiri propõe reavaliar a relativa naturalidade da inteligência dividida entre conceituar e sentir. No intuito de colocar um ponto final nessa dualidade, Zubiri integrou a inteligência senciente na inteligência acostuada a julgar e conceituar. Destarte, a inteligência concipiente, aquela que julga e classifica, é posterior à inteligência senciente, algo notável no pensamento de Papa Francisco.

Palavras-chave: Conceito. Inteligência concipiente. Inteligência senciente. Papa Francisco. Zubiri.

Abstract: This article presents theoretical questions about the challenge of concipient intelligence. Reality is not subordinated to concepts, and therefore, the Spanish philosopher Xavier Zubiri proposes a reevaluation of the relative naturalness of intelligence divided between conceptualizing and feeling. In an effort to put an end to this duality, Zubiri integrated sentient intelligence into the intelligence accustomed to judging and conceptualizing. Thus, concipient intelligence, which judges and classifies, is subsequent to sentient intelligence, something notable in the thought of Pope Francis.

Keywords: Concept. Conciipient intelligence. Sentient intelligence. Pope Francis. Zubiri.

1 INTRODUÇÃO

Zubiri procura categorias que apoiam a inteligência senciente. No entanto, é necessário perguntar: onde reside a pertinência teórica de Zubiri? Como algumas abordagens docentes catequéticas e litúrgicas falham em situações

caracterizadas por efetivos desencontros? Dentro de sua extensa contribuição para a inteligência, Zubiri desenvolveu a perspectiva da inteligência senciente. Neste interm, a inteligência que apenas conceitua e julga se afasta da realidade, e essa persistente forma de inteligir foi aclamada por Zubiri de inteligência concipiente. Essa

¹ Doutor em Filosofia – Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. Pós-doutorando PUC-SP – Programa de Teologia. Campus Ipiranga - SP. E-mail: meinhardts.g@gmail.com

² Doutor em Teologia - Pontifício Ateneu Santo Anselmo Facoltà di Sacra Liturgia. Professor da Faculdade de Teologia Nossa Senhora Assunção da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP.

inteligência, por si só, condiciona problemas na abordagem da realidade.

A presente investigação fornece novas abordagens teóricas para melhor compreender a dinâmica e os obstáculos relacionados ao lugar do encontro e, assim, incentivar a aproximação entre as pessoas. Para isso, esta pesquisa tem como objetivo o desenvolvimento da teoria de Zubiri no que diz respeito às reflexões de Francisco, tornando-as integrativas. O mérito de Francisco reside na crítica de abordagens centradas na exclusividade de conceitos. Sua reflexão destaca a vida além dos conceitos, concentrando-se na fragilidade humana. Ambos os autores desenvolveram seus pensamentos fazendo objeções aos conceitos e à exclusiva inteligibilidade através deles: a atualização da realidade é uma de suas tônicas, bem como diferentes formas de se preocupar com o encontro entre diferentes grupos. Nesta pesquisa, a teoria de Zubiri terá uma contribuição teórica através do pensamento de Francisco.

2 MODELO CONCEITUAL

A análise da filosofia de Zubiri delimitará com rigor o domínio dos passos a seguir, a saber, uma investigação de âmbito filosófico-teológico tratando de mover-se na área das ciências da religião ou teologia com o aporte filosófico. O operador modal 'inteligência' transita em diversos lugares de encontro, sejam eles a

universidade, escola, catequese ou igreja.

A filosofia encontrada no modelo conceitual teológico “[...] é um conjunto de considerandos junto a outros muito mais importantes de caráter exegético, por exemplo”³ (Zubiri, 2019, p. 12). O modelo conceitual teológico, em alguns casos, pode “[...] desenvolver a ciência da revelação com categorias e conceitos bíblicos”⁴ (Zubiri, 2019, p. 12). A filosofia, escreveu Zubiri (2019, p. 12) de forma precisa e rigorosa em seus conceitos, “[...] não cobrem todas as dimensões essenciais de um problema teológico”.⁵ Isso não significa que teologia e filosofia sejam alheias. Indubitavelmente, a teologia, como nos lembra Zubiri (2019, p. 11-12), “[...] não pode deixar de envolver considerações filosóficas, uma vez que a revelação, por sua própria natureza, refere-se a uma ordem, em última análise, transcendente”.⁶ Sabemos, de acordo com Antonio González (1993, p. 37), que

Zubiri não tentou em primeira linha elaborar uma teologia, se por isso se entende uma formulação sistemática da mensagem cristã. Certamente, há em Zubiri o esboço de uma teologia e os materiais fundamentais para sua elaboração. Mas este não é o cerne de suas obras teológicas. No entanto, seria pouco dizer que Zubiri simplesmente quis aplicar à teologia certos conceitos de sua filosofia [...].⁷

Nesse sentido, como supracitado, a investigação segue as possíveis contribuições de Francisco para o pensamento

³ “En teología, la filosofía es un conjunto de considerandos, junto a otros mucho más importantes, de carácter exegético, por ejemplo”.

⁴ “Lo primario es elaborar la ciencia de la revelación con categorías y conceptos bíblicos”.

⁵ “[...] no abarcan todas las dimensiones esenciales de un problema teológico”.

⁶ “[...] no puede menos de envolver consideraciones filosóficas, pues la revelación, por su propia índole, se refiere a un orden, en definitiva, transcendente”. Observação: a partir de agora toda tradução é uma tradução nossa.

⁷ “Zubiri no ha pretendido en primera línea elaborar una teología, si con ello se entiende una formulación sistemática del mensaje cristiano. Ciertamente, hay en Zubiri el esbozo de una teología y los materiales fundamentales para su elaboración. Pero no es éste el núcleo de sus trabajos teológicos. Sin embargo, sería demasiado poco decir que Zubiri ha querido simplemente aplicar a la teología determinados conceptos de su filosofía [...]”.

zubiriano e não uma simples aplicação conceitual do filósofo espanhol no pensamento do Papa. “O aspecto mais radical da reflexão de Zubiri foi libertar a teologia tanto do horizonte intelectual que ela mesma criou [...] quanto de uma série de pressupostos inveterados que gravitam sobre a filosofia desde os tempos dos gregos”⁸ (González, 1993, p. 37-38).

Contudo, o modelo conceitual refere-se a um conjunto de conceitos centrais⁹ referentes ao pensamento de Zubiri. Sem méritos para uma suposta exclusividade da inteligência, a “[...] experiência do sentir nos instala radicalmente na realidade” (Fernández Tejada, 2011, p. XXXIX). Em outras palavras, o sentir atualiza a realidade em cada pessoa. Cabe aqui uma pergunta: quais os motivos para destacar o sentir como experiência que abre as portas para a realidade? Sem dúvida, o sentir não é algo passivo ou de segunda ordem em relação à inteligência, ou seja, não há causalidade entre um e outro.

A inteligência requer uma compreensão profunda. É neste ponto da argumentação que incisivamente a análise da questão remonta a história. Para os cateóricos, teoricamente ‘sentir realidades’ conflagra-se em exceção. Factualmente, Zubiri (2011, p. 3) constata que na história ocidental “Intelecção e sensação seriam duas formas, em boa parte opostas...”. Essa oposição reveste-se de absurda conjectura. Sem grau de desprezo “[...] o sensível não somente nos afeta, mas essencialmente nos faz presente algo – que nos

impressiona” (Fernández Tejada, 2011, p. XXXIX). Ora, o sentir enquanto inteligir deixa uma marca, isto é, uma impressão que nos acompanha e permanece. O sentir não consiste em degrau provisório para aceder à inteligência. “Sentir, dessa forma, não é oposto de inteligir, mas parte integrante dessa experiência humana” (Fernández Tejada, 2011, p. XXXIX, grifo do autor).

Cabe ter presente que o sentir não tem uma função interina na inteligência. O sentir formaliza-se no próprio dinamismo da inteligência, decretando exígua qualquer distinção que desabilite essa visão de conjunto. Sentir e inteligir separados não se encontram em parte alguma. Em uma palavra “[...] o sentir está dentro da inteligência, e esta, dentro do sentir numa unidade estrutural” (Fernández Tejada, 2011, p. XLI). Sentir e inteligir ‘acontecem’ sem separações, nem mesmo conceituais. Nessa reflexão sobre a unidade estrutural onde inteligir e sentir não se sobrepõem, saímos do “[...] intelectualismo, que parte de conceitos. A intelecção, por ser senciente, determina as estruturas humanas [...]” (Fernández Tejada, 2011, p. XLIII). Entre essas estruturas está “[...] o sentimento, que não é subjetivo, mas afeto do real [...]” (Fernández Tejada, 2011, p. XLIII, grifo do autor).

O paradigma zubiriano abandona a noção de que a realidade é, em última análise, atrelada a conceitos e, portanto, deveria estar subordinada exclusivamente à inteligência concipiente que classifica e

⁸ “Lo más radical de la reflexión de Zubiri ha sido liberar a la teología tanto del horizonte intelectual que ella misma creó [...] como de un cúmulo de presupuestos inveterados que gravitan sobre la filosofía desde el tiempo de los griegos”.

⁹ O modelo conceitual “É como um par de óculos que serão usados para observar o objeto de pesquisa. Naturalmente, a perspectiva deve contribuir para as percepções relativas ao objetivo da pesquisa. Um tipo bem conhecido de perspectiva de pesquisa consiste em um conjunto de conceitos centrais, cada um conectado entre si em relações causais. Tal perspectiva de pesquisa pode ser apresentada esquematicamente em um chamado *modelo conceitual*”. (Verschuren; Doorewaard, 2010, p. 67-68, grifo do autor, tradução nossa). Observação: todas as traduções que seguem no texto remetem à *tradução nossa*. “It is like a pair of glasses that will be used to observe the research object. Naturally, the perspective should contribute towards the insights relating to the research objective. A well-known type of research perspective consists of a set of core concepts, each connected to one another in causal relationships. Such a research perspective can be presented schematically in a so-called *conceptual model*”.

julga. Um breve excurso sobre a inteligência concipiente serve de contraposição para Zubiri refletir sobre a inteligência sentiente. Nesse ínterim, o ato de inteligir para Santo Tomás só o é porque forma conceitos das coisas. Existe um ordenamento para inteligir e essa ordem está prescrita em um caráter conceptivo.¹⁰ O ‘Doctor Universalis’ apregoa que a ordem conceptiva resulta de uma abstração. Exatamente aqui, na ordem conceptiva viabilizada pela abstração, que Zubiri descortina um problema, a saber, a própria abstração. Existe, para o filósofo espanhol, uma operação de subtração de certos aspectos das coisas, conferindo à abstração *negatividade*.¹¹ Nesse ínterim, o Aquinate, segundo Zubiri (2016, p. 87), reconhece o que seria a cúspide da abstração: “Em primeiro lugar, do ponto de vista cognitivo, o ente é para São Tomás a abstração máxima, a coisa mais abstrata que pode ser”.¹² Não haveria nada mais factível em termos de abstração do que o ente.

Considerar alguns aspectos das coisas pretere outras e, indubitavelmente, dessa forma a abstração opera. Renunciar

algumas características enceta a inteligência para a pureza dos objetos. No que segue

[...] o conceito de entidade para São Tomás não é apenas o mais abstrato que se possa imaginar, mas também tem uma primazia radical. São Tomás diz que no conceito de ente se resolvem todos os outros conceitos do entendimento. Com efeito, conceber é apenas conceber o que é isto ou o que é o outro; no ‘que é’, no ente, resolvem-se todos os outros conceitos do entendimento¹³ (Zubiri, 2016, p. 87).

Um conceito que resolve todos os outros conceitos através da mais alta abstração imaginável denota a radicalidade avaliada por Zubiri da operação de Santo Tomás sobre o ente. “O conceito de ente tem uma unidade não genérica, mas transcendental; se encontra realizado em todas as coisas que existem, em todos os entes, mas não se limita a nenhuma delas”.¹⁴ (Zubiri, 2016, p. 88-89). O conceito realiza-se nas coisas ao mesmo tempo que não permanece nelas, definindo-as através de sua transcendentalidade. Essa

¹⁰ “Santo Tomás não hesita em se colocar diretamente e sem questionar a concepção do entendimento humano: entender é formar conceitos; inteligir é formar conceitos das coisas. Esta é uma ideia completamente alheia ao mundo grego, entre outras razões porque os gregos nunca tiveram nem a palavra nem a noção de ‘conceito’. Esta é de origem latina e provavelmente remonta a Cícero, que talvez tenha se inspirado nos estoicos; mas, em todo caso, até Aristóteles não existia”. (Zubiri, 2016, p. 83-84). “Santo Tomás no duda en plantarse de modo directo y sin hacerse cuestión de ello la concepción del entendimiento humano: Entender es formar conceptos; inteligir es formar conceptos de las cosas. Es esta una idea completamente ajena al mundo griego, entre otras razones porque los griegos jamás tuvieron ni el vocablo ni la noción de ‘concepto’. Este es de origen latino y probablemente se remonta a Cicerón, el cual quizá se inspiró en los estoicos; pero, en todo caso, hasta Aristóteles no existía”.

¹¹ “É, portanto, uma ordem conceitual. Ao contrário de Platão, São Tomás nos dirá (aparentemente repetindo Aristóteles) que toda ordem conceitual é produto de uma abstração (ἀφαίρησις). Toda abstração parece ser uma operação meramente negativa: deixar de considerar certos aspectos das coisas e considerar apenas outros [...]”. (Zubiri, 2016, p. 84). “Se trata pues de un orden conceptivo. Frente a Platón, Santo Tomás nos dirá (repetiendo aparentemente a Aristóteles) que todo orden conceptivo es producto de una abstracción (ἀφαίρησις). Toda abstracción parece ser una operación meramente negativa: dejar de considerar ciertos aspectos de las cosas y considerar sólo otros [...]”.

¹² “En primer lugar, desde el punto de vista cognoscitivo, el ente es para Santo Tomás la máxima abstracción, lo más abstracto que pueda darse”.

¹³ “[...] no sólo el concepto de ente es para Santo Tomás el más abstracto que quepa imaginar, sino que además tiene una *primariedad* radical. Santo Tomás dice que en el concepto de ente se resuelven todos los demás conceptos del entendimiento. En efecto, concebir es tan sólo concebir qué es esto o qué es lo otro; en ‘que es’, en el ente, se resuelven todos los demás conceptos del entendimiento”.

¹⁴ “El concepto del ente tiene una unidad no genérica, sino transcendental; se encuentra realizado en todas las cosas que son, en todos los entes, pero no está limitado a ninguno de ellos”.

realização em via transcendental gerou dúvidas em Zubiri (2016, p. 87) através de uma pergunta: "[...] é verdade que a primeira coisa que a inteligência faz é formar conceitos?"¹⁵ A verificação do conceito não significa a verificação da realidade, ou seja, Zubiri (2016, p. 144) vê como forçoso pensar "[...]" que a ordem da realidade coincide precisamente com a ordem objetiva dos conceitos [...].¹⁶ Uma série de ideias podem ser compatíveis com um conceito, o que não o leva ao estatuto de constituição da realidade e sim do próprio conceito.

Destarte, o reconhecimento da inteligência concipiente é um passo importante na reflexão tanto de uma aula litúrgica ou prédica. Entendemos que a teoria de Zubiri é de desbloqueio e há uma abertura a outros pontos de vista. Ao se concentrar na inteligência senciente, Zubiri afasta-se da exclusividade da inteligência concipiente enquanto método supremo aplicado à realidade. No entanto, a aplicação da inteligência senciente na realidade de uma aula ou da liturgia aparentemente apresenta um viés improvável. Por exemplo, se a liturgia ou a docência falam sobre o Verbo, como não falar de conceitos? Sem os conceitos, provavelmente não haveria liturgia ou a própria docência. Assim, a liturgia ou a docência não seriam um problema e a concepção de Zubiri não seria necessária.

Zubiri formula um imperativo: nenhuma cultura, grupo social ou institucional pode encontrar na exclusividade dos conceitos a saída para as complexidades do mundo contemporâneo. Dessa forma, os conceitos são insuficientes para os desafios do mundo. Portanto, seu método e sua técnica abrangem a inteligência senciente.

Nessa perspectiva, o sentir e a intelecção não são dois atos "[...]" diferentes, cada um completo em sua ordem, mas

constituem dois momentos de um único ato de apreensão senciente do real: é a inteligência senciente" (Zubiri, 2011, p. LIV). O trecho acima destaca a apreensão, termo do qual Zubiri insiste. Ele entende a apreensão como algo além de uma mera teoria ou conceito útil que opera tal qual uma ferramenta na realidade. "A apreensão (repare que fala da apreensão, evitando a palavra clássica percepção) não é intuitiva, nem imediata" (Gracia, 2016, p. 4). A conjuntura do real está na apreensão, a saber, o poder de atualizar o presente em cada um. Nesse sentido, o ser humano desempenha o presente e não é simplesmente tomado por ele.

Apreensão não é uma teoria, mas um fato: o fato de que me estou dando conta de algo que me está presente. A apreensão é, quanto ao momento do 'estar presente', um ato de captação do presente, uma captação na qual me estou dando conta do que é captado (Zubiri, 2011, p. 6).

Dar-se conta... eis a presença de fatos que se tornam presentes para cada pessoa através da apreensão. Esta apreensão qualifica-se como sensível e imprime, *via* sentidos, a realidade. Conforme Zubiri (2011, p. 14, grifo do autor) "[...] a apreensão sensível consiste formalmente em ser apreensão impressiva. Aqui está o formalmente constitutivo do sentir: *impressão*". Dada agora a apreensão sensível como caracteristicamente impressiva, detemo-nos na definição de impressão: "A impressão é uma afecção, mas não é um afeto. Em virtude desse momento afetante, dizemos que o senciente 'padece' a impressão" (Zubiri, 2011, p. 14). A pessoa padece a impressão porque aquilo que impressiona é algo diferente, outro, e que toca a cada um com força de imposição. Contudo, o que especificamente seria esse padecimento? Zubiri (2011, p. 15) responde que a impressão enquanto "[...]"

¹⁵ "[...] ¿es cierto que lo primero que hace la inteligencia es formar conceptos?"

¹⁶ "[...] que el orden de la realidad coincida precisamente con el orden objetivo de los conceptos [...]"

afecção tem essencial e constitutivamente o caráter de nos fazer presente aquilo que impressiona”.

Nos últimos anos de vida, Zubiri preparou um estudo sobre a inteligência senciente que confiou publicar. Este livro foi muito aguardado por diversos intelectuais, tanto que Diego Gracia, renomado especialista do pensamento zubiriano, afirmou a importância do livro de Zubiri, conhecido hoje como a Trilogia da Inteligência, para a compreensão da realidade através da crítica das inteligências existentes.

Nesse seu livro de maior profundidade filosófica, Zubiri afirma que algo que anteriormente não estava presente se faz presente. “As apreensões sensíveis se distinguem essencialmente pelo modo segundo o qual o conteúdo está presente [...] quer dizer, é independente do senciente” (Zubiri, 2011, p. 18). Um exemplo importante para destrinchar o quanto o conteúdo está presente de forma independente do senciente está na relação catequista e catequisando ou professor e aluno. A catequista ou a professora, em toda sua dimensão de realidade, carrega todas suas vivências dentro de si. Imaginemos um fato específico que pode ocorrer com uma catequista ou professora que vivia até então um casamento aparentemente estável: ela se sente impactada com uma crise conjugal aguda e repentina. A surpresa que a catequista ou a professora sente de uma eminente separação é íntima. Contudo, o conteúdo está presente, ou seja, a intimidade não consiste em algo escondido, mas na realidade que o rosto comunica. “Intimidade significa pura e simplesmente ‘realidade minha’. É um modo de apresentação do real” (Zubiri, 2011, p. 70). Isto é, a impressão que o catequisando ou o aluno tem da sua catequista ou professora determina-se antes da intenção pedagógica ou catequética dela.

Nesta apreensão apreendemos, pois, impressivamente a realidade do real.

Por isso a chamo de *apreensão primordial de realidade*. Nela, a formalidade de realidade é apreendida *diretamente*, não por meio de representações ou coisas semelhantes. É apreendida *imediatamente*, não em virtude de outros atos apreensivos ou de raciocínios de qualquer ordem. É apreendida *unitariamente* [...] (Zubiri, 2011, p. 40-41, grifo do autor).

Podemos explanar a realidade do real no amor e cuidado que os pais têm um pelo outro e o quanto impressivamente o filho apreende isso. Esse amor sentido pela criança chama-se apreensão primordial de realidade. A criança apreende diretamente, sem conceitos ou representações, a relação dos pais. Na apreensão

[...] há um momento imediato, consistente na mera atualização, e a isto é que denomina apreensão primordial. Seria melhor, e ainda mais claro dizer, ‘momento primordial da apreensão’, porque [...] se tende a pensar que se trata de um ato em si mesmo, coisa que é incorreta (Gracia, 2016, p. 4).

Na precisão dessa apreensão imediata, algumas coisas não são meras afeições que a criança sente, ou seja, o sentir também é um momento de outras pessoas que a tocam. Logo, a impressão da criança advém dos pais ou da professora que imprimem nela algo distinto de tudo o que ela pode conceber.

Na filosofia, os conceitos são axiais e Zubiri abre uma senda diferente que se descentra dos contextos e tradições ocidentais. Em sua vasta produção teórica, Zubiri enfatiza a inteligência senciente. No entanto, aqui cabe um questionamento central: qual a possibilidade de entendimento quando um grupo é abordado exclusivamente pela inteligência concipiente? Os grupos que estabilizam a interação através de conceitos também estão promovendo efeitos em si mesmos e em outros grupos. Assim, o conceituar e julgar humano impõe-se com um poder maior do

que experiências que os contradigam.

Por isso, o fato de qualquer grupo humano estar exposto não é suficiente. A inteligência concipiente, tal como entendido por Zubiri, caracteriza-se por grupos que tentam conservar seu próprio ponto de vista, impedindo qualquer diálogo. De forma conceitual, a inteligência concipiente, traduzida como o exercício de conceituar e julgar, é um limite teórico que se aproxima da comunidade, mas não o tangencia. Contudo, como veremos mais adiante, esse limite teórico é superado e abre possibilidade para a conexão com outra produção intelectual que admita em seu arcabouço a inteligência senciente, expandindo o pensamento de Zubiri através de Francisco. Trata-se de explicar a inteligência senciente na ótica da liturgia, contribuindo para obter uma melhor compreensão das barreiras e oportunidades das relações entre liturgia e a comunidade.

3 PROJETO CONCEITUAL: O SENCIENTE NO CONCIPENTE

O projeto conceitual esboça brevemente a meta da pesquisa. “Trata-se da contribuição que o pesquisador deseja dar para resolver um problema fora da própria pesquisa”¹⁷ (Verschuren; Doorewaard, 2010, p. 16). O significado do problema da própria pesquisa orienta-se para o limite encontrado, conectando contribuições originais que podem ser úteis para outras reflexões envolvendo o tema proposto, ou seja, contribuições externas à pesquisa.

Destarte, em sua vasta produção teórica, Zubiri enfatiza a inteligência senciente em uma escalada que, anteriormente, remete à outra inteligência, a

saber, a inteligência concipiente. Esta inteligência concipiente foi um termo forjado em claro contraste semântico com a inteligência senciente¹⁸ (Salamanca Serrano, 1999, p. 29). Mas esta inteligência, balizada em conceituar e julgar, é limitada na pretensão de seus alcances, tanto para qualquer teoria como para a liturgia, docência ou catequese. Isso se explica porque a razão humana é uma função derivada e limitada que só se põe em marcha pelas deficiências de nossa apreensão do real; sujeita a uma revisão constante de seus avanços, e não há e não pode haver razão pura¹⁹ (Pintor-Ramos, 2006, p. 168). Isto posto, não são os conceitos que definirão a realidade, mas as vulnerabilidades em contato. O contato modifica as partes. Os grupos em suas debilidades também estão promovendo efeitos em si mesmos e em outros grupos e Francisco (2020, p. 41) valoriza isso: “O sinal de que a nossa consciência foi distorcida [...] é o nosso desprezo pela debilidade”. Há uma forte correspondência entre Francisco e Zubiri nesse preciso ponto. Para Zubiri (2021, p. 17),

As coisas não nos aparecem nesta forma suficiente, mas precisamente ao contrário: numa forma constitutivamente deficiente. Esse caráter deficitário, de deficiência, é inerente às próprias coisas com as quais o homem tem que lidar. Na medida em que as coisas nos dão algo de sua verdade, o homem sabe algo sobre elas; mas na medida em que as coisas nos são dadas deficientemente, são elas mesmas que nos põem em movimento para ir além da parcela de verdade que possuímos.²⁰

¹⁷ “It concerns the contribution the researcher wishes to make to solve a problem outside the research itself”.

¹⁸ “[...] inteligencia concipiente, término forjado en clara contraposición semántica a inteligencia sentiente [...]”.

¹⁹ “[...] la razón humana es una función derivada y muy limitada, que sólo se pone en marcha por las deficiencias de nuestra aprehensión de lo real y, por tanto, está abocada a una constante revisión de sus avances; [...] no ni hay ni puede haber ninguna razón pura”.

²⁰ “Las cosas no se nos presentan en esta forma suficiente, sino, justamente, al revés: en forma constitutivamente deficiente. Este carácter deficitario, de deficiencia, es inherente a las cosas mismas con que el hombre tiene que habérselas. En la medida en que las cosas nos dan algo de su verdad, el hombre sabe algo de ellas;

A inteligência senciente abre possibilidade para a conexão com outra produção intelectual que admita em seu arcabouço a fragilidade, expandindo o pensamento de Zubiri. Aqui, a inteligência senciente não é uma epistemologia que vê a liturgia ou a docência como um fenômeno a ser corrigido, mas o quanto pode dialogar com Francisco.

4 FRANCISCO E AS OBJEÇÕES À INTELIGÊNCIA CONCIPIENTE

O trabalho de Zubiri consiste na evolução das suas investigações sobre a inteligência senciente. Para isso, é essencial rever a evolução de seu pensamento e as próprias categorias que o levaram a essa cúspide. Anterior à trilogia da inteligência senciente, Zubiri ditou um importante curso recolhido em livro denominado '*Los problemas fundamentales de la metafísica occidental*'. Neste livro, encontra-se a aparente contrafigura da inteligência senciente, a saber, a inteligência concipiente. A atividade concipiente ou o pensar concipiente "[...] trata-se, não de que um sujeito tenha a atividade de conceber, mas de que o conceito, tomado unitariamente, seja em si uma coisa viva, cuja atividade é justamente conceber [...]"²¹ (Zubiri, 2016, p. 258). Este leva a uma dupla atitude de conceber e julgar, implicando um reconhecimento do conceito como autonomia da realidade. Os conceitos ou a razão lógica definidos

como reais tratam "[...] de uma visão do ser e da realidade tomada simplesmente desde o pensamento concipiente, desde daquele que concebe o ser e a realidade no qual o real é o concebido pela razão"²² (Zubiri, 2016, p. 269). Justamente aqui as distinções zubirianas começam a aparecer, asseverando que a inteligência conceptiva não é primária para a realidade.

Para a filosofia ocidental, de fato, a inteligência é primariamente uma inteligência concipiente, pois considera que seu primeiro ato consiste em conceber o que já foi apreendido pelos sentidos. [...] tanto a intelecção conceitual quanto o ser não são últimos, mas apenas penúltimos. Conceber é apenas um modo de intelecção "ulterior" ao modo primário de intelecção que consiste em apreender as coisas como reais [...]"²³ (Sotil Baylos, 2007, p. 23).

Antes de conceituar e julgar a realidade, existe algo mais fundamental: a impressão de realidade. "Mais radical que o logos dos entes, mais radical que qualquer compreensão do ser está a 'impressão da realidade'. Esse é o ponto de partida radical das reflexões de Zubiri"²⁴ (González, 1993, p. 19). Anteriormente, pensava-se que teríamos que compreender a realidade e o aporte mais óbvio seria um aglomerado de conceitos em uma nítida caixa de ferramentas denominada teoria. "Essa inteligência concipiente acaba sendo um pensamento concipiente em que o pensar se coloca a si mesmo como a totalidade

pero en la medida en que las cosas se nos dan deficientemente, son ellas mismas las que nos ponen en movimiento para ir más allá de la parcela de verdad que poseíamos".

²¹ "[...] se trata, no de que un sujeto tenga la actividad de concebir, sino de que el concepto, unitariamente tomado, es en sí mismo una cosa viva, cuya actividad es precisamente el concebir [...]"

²² "[...] de una visión del ser y de la realidad tomada simplemente desde el pensar concipiente, desde aquello que concibe el ser y la realidad y en la cual lo real es lo concebido por la razón".

²³ "Para la filosofía occidental, en efecto, la inteligencia es primariamente inteligencia concipiente, puesto que considera que su primer acto consiste en concebir lo ya aprehendido por los sentidos. [...] tanto la intelecção conceptiva como el ser no son últimos sino sólo penúltimos. Concebir es únicamente un modo de intelecção "ulterior" al modo primario de intelecção que consiste en aprehender las cosas como reales [...]"

²⁴ "Más radical que el logos de los entes, más radical que toda comprensión del ser, está la 'impressão de realidade'. Ésta es el punto de partida radical de las reflexiones de Zubiri".

do real”²⁵ (Espinosa, 2003, p. 61, nota 21).

Nessa altura, uma questão central importa ser aprofundada: por que a inteligência concipiente é problemática? Zubiri (2005, p. 92) contesta a inteligência concipiente porque propriamente “[...] a inteligência não está aberta à realidade pela compreensão, mas de forma senciente, por impressão”.²⁶ A ilustração do que é a inteligência concipiente alberga a tradição do pensamento ocidental em sua forma de tratar a realidade. Savignano (2021, p. 11), um dos estudiosos de Zubiri, responde que a inteligência concipiente é uma das formas históricas do idealismo filosófico.²⁷ A envergadura da inteligência conceitual como a inteligência por antonomásia inicia nos primórdios do filosofar e, conforme Pintor-Ramos (1994, p. 305), aborda que “[...] os gregos caíram na tentação de torná-la autônoma e de fazer dela a pedra de toque de toda inteligibilidade. [...] Dessa forma, a realidade só poderia aparecer como matéria derivada das operações conceituais do logos [...]”.²⁸ Deste modo, a existência das coisas dependeria dos conceitos sobre elas. O notável alcance de tal inteligência assume que o entendimento concipiente aspira a ser todas as coisas²⁹ (Flórez Miguel, 1998, p. 19). Contudo, a realidade não existe por estar meramente conceituada como tal: o que escapa a isso, a saber, o extra-conceitual, não é mero produto da

atividade concipiente³⁰ (Savignano, 2021, p. 12).

A diferença entre as duas inteligências abordadas parece sutil, mas vai muito além disso. González (2021, p. 120) aponta a distinção: “Na inteligência senciente, seu objeto formal é dado pelos sentidos ‘na’ inteligência, enquanto na inteligência concipiente o objeto primário (o sensível) é dado pelos sentidos ‘à’ inteligência”.³¹ Explicando o trecho acima, na respectiva da inteligência concipiente, o objeto primário dado pelos sentidos à inteligência indica o senciente como uma simples passagem desse objeto em direção ao inteligir e nada mais. Por sua vez, referente à inteligência senciente, o objeto formal é dado pelos sentidos na inteligência: denota o modo dinâmico que o inteligir se realiza pelos sentidos que participam e estão referidos unitariamente no inteligir. Como Pintor-Ramos (1983, p. 94) afirmou:

[...] o nível de contato do homem com o real é anterior às operações de conceituação lógica; de outro modo, que antes da verdade lógica (e ontológica, portanto) existe um nível prévio que, sem negá-la, é o fundamento sem o qual ela não poderia ocorrer.³²

A polaridade e tensão da realidade segundo estas inteligências – uma repousando na compreensão e outra na impressão – são chaves para a

²⁵ “Esta inteligencia concipiente termina siendo un pensar concipiente en que el pensar se pone a sí mismo como la totalidad de lo real”.

²⁶ “[...] la inteligencia no está abierta a la realidad por comprensión, sino sentientemente, por impresión”.

²⁷ “[...] a inteligência concipiente que é uma das formas históricas do idealismo filosófico”. “[...] la inteligencia concipiente que es una de las formas históricas del idealismo filosófico”.

²⁸ “[...] los griegos cayeron en la tentación de autonomizarlo y convertirlo en la piedra de toque de toda inteligibilidad. [...] De esta manera, la realidad sólo podía aparecer como una cuestión derivada de las operaciones conceptivas del logos [...]”.

²⁹ “[...] entendimiento concipiente que aspira a ser todas las cosas”.

³⁰ “[...] extraconceptual, no es un mero producto de mi actividad concipiente”.

³¹ “En la inteligencia sentiente el objeto formal suyo está dado por los sentidos “en” la inteligencia, mientras que en la inteligencia concipiente el objeto primario (lo sensible) está dado por los sentidos “a” la inteligencia”.

³² “[...] el nivel del contacto entre el hombre y lo real es anterior a las operaciones de conceituação lógica; de otro modo, que antes de la verdad lógica (y ontológica, por tanto) existe un nivel previo que, sin negar aquélla, es el fundamento sin el cual no podría darse”.

diferenciação e repercussão de cada uma. Tal processo pode levar a novas reflexões sobre a liturgia.

De acordo com a inteligência concipiente, o grupo humano deve ter uma compreensão crítica da sua própria tradição. Assim, ela adquire uma nova compreensão. O entendimento anterior irá estabelecer um diálogo com o novo entendimento, ou seja, um diálogo inédito ocorre. A inteligência concipiente é vista por muitos como um guia útil. No entanto, esboça-se aqui uma qualidade intelectual sem referenciar a rica e inusitada jornada existencial pelas múltiplas realidades que convergem na liturgia. A inteligência senciente é uma das chaves aqui, pois a compreensão é um ponto de apoio, embora não mencione a realidade como possível diferença no evento litúrgico. Embora uma abordagem importante, o entendimento requer uma retração para que a liturgia abarque mais pessoas. A compreensão precisa de razões que às vezes não se manifestam em uma atmosfera religiosa. Por quê? Porque percebemos que existem aparentemente desproporções de compreensões diante de vocabulários algumas vezes idiossincráticos e densos. A inteligência senciente não obedece à constrição de se concatenar conceitualmente de forma rigorosa. A impressão é de realidade e não de conceitos e neologismos que, de forma compartimentada, regeriam a tessitura do real. Por isso, as parábolas não são sentidas na fidelidade de um sistema de pensamento.

Ratifica-se que a liturgia não está para sistematizar, catalogar e classificar conceitos para os leigos. Para Francisco, o método de aproximação mediante conceitos não promove o encontro. O princípio da inteligência concipiente, que visa facilitar o acesso igual e universal à esfera pública, incapacita a partir do

momento em que se espera que os leigos sistematicamente compreendam tudo o que foi dito. Nisso, Francisco (2022, p. 18), na Carta Apostólica *Desiderio Desideravi*, fala da potente beleza da novidade face ao conceito:

Se a Ressurreição fosse para nós um conceito, uma ideia, um pensamento; se o Ressuscitado fosse para nós uma recordação da recordação de outros, por mais autorizado que fosse os apóstolos, se não nos fosse dada também a possibilidade de um verdadeiro encontro com ele, seria como declarar esgotada a novidade do Verbo feito carne. [...] A fé cristã ou é um encontro vivo com ele, ou não é.

Isso quer dizer que o *nervus probandi* da liturgia, segundo Francisco, está no encontro vivo e não em um conceito. Nessa perspectiva, a compreensão variegada e por vezes discordante dos leigos não impede a liturgia. Deve-se ter em mente os ingredientes instáveis dos quais esses mesmos grupos são formados: o conflito entre o público e o privado, as tensões entre desejos integradores versus exclusivistas e, principalmente, a fragilidade humana. “As razões são de vários tipos, mas uma já sabemos: a inteligência humana é senciente e, portanto, não há nada que possa qualificar-se de razão pura. Toda razão é impura, senciente; por isso, é fraca”³³ (Gracia, 2017, p. 664). Isso reforça as palavras decisivas de Francisco (2022, p. 38) na supracitada carta apostólica:

[...] a respeito da natureza da Liturgia, fica evidente que o conhecimento do Mistério de Cristo, questão decisiva para a nossa vida, não consiste em uma assimilação mental de uma ideia; mas sim, em um real envolvimento existencial com a sua Pessoa.

No pensamento de Francisco, uma

³³ “Las razones son de vario tipo, pero una ya la conocemos: la inteligencia humana es sentiente, y por tanto no hay nada que pueda calificarse de razón pura. Toda razón es impura, sentiente; por eso es débil”.

das dificuldades identificadas reside no parâmetro da liturgia acomodar conceitos. Por isso, a liturgia deve ser analisada com esse fator em jogo. Em oposição à ideia da superioridade ocidental enquanto abordagem universal mediante conceitos, Francisco última que os liturgistas devem ter em conta o real envolvimento existencial com Cristo. Nessa perspectiva, não há uma assimilação de ideias ou um processo linear progressivo de conceitos. O que há é uma falha em reconhecer a assimilação mental de ideias como primordial.

É hora de abrir espaço para categorias que englobem experiências vitais, posteriormente matizadas e refletidas, que nos ajudarão a entender melhor a já emergente forma de Francisco (2021, p. 42) encarar a liturgia: “Na alma de quem reza, o sentido da própria debilidade é mais precioso do que momentos de exaltação, quando parece que a vida é uma cavalgada de vitórias e sucessos”.

A liturgia, que não apenas unifica pessoas mas também multiplica o alcance da palavra de Deus, desafia nossa capacidade conceitual para pensar e repensar a realidade. Consequentemente, o que é posto em xeque precisamente situa-se na postulada inteligência concipiente. De acordo com o conceito de uma única inteligência, somos compelidos a caracterizar todas as formas e encontros religiosos como formas de conceituar e julgar.

As ideias de Francisco remetem às reflexões sobre a inteligência concipiente de Zubiri. Um entendimento metodológico importante consiste na extensão da inteligência senciente através da liturgia pensada por Francisco.

Em Francisco (2022, p. 42), a liturgia “[...] não é uma questão de conhecimento mental, de aquisição de

conceitos, mas uma experiência vital”. Dentro disso, há uma inviabilidade em situar o humano nas emoções, no sentir ou na exclusividade da inteligência concipiente. Em suas catequeses sobre a oração, Francisco (2021, p. 13) reitera isso: “As emoções rezam, mas não se pode dizer que a oração é unicamente emoção. A inteligência reza, mas rezar não é apenas um ato intelectual”.

O papel da experiência não suplanta ou forma contextos particulares, mas os conecta. O que qualifica o pensamento de Francisco como uma nova compreensão e extensão da teoria de Zubiri consiste na fragilidade e debilidade como importante elemento da natureza humana. A inteligência senciente não é apenas um conceito, mas complementa a inteligibilidade da realidade. As reflexões baseadas no pensamento de Francisco fornecem uma perspectiva a ser estudada teoricamente e considerada dentro da obra de Zubiri.

5 PALAVRAS FINAIS

A palavra liturgia não aparece como central na obra de Zubiri. Contudo, as reflexões filosófico-teológicas de Zubiri não conferem marginalidade. Em Zubiri, o conceito central é a inteligência senciente, contrafigura da inteligência concipiente, aquela que julga e concebe. “A característica da inteligência não é conceber e julgar, mas lidar com as coisas como realidade, apreendê-las como realidade. Só então pode também levar a conceber e julgar”³⁴ (Zubiri, 2016, p. 334).

O termo ‘inteligência senciente’, relacionado com o pensamento de Francisco sobre a liturgia, levanta questões sobre a acolhida da palavra. Contudo, a “[...] inteligência apreende a realidade, mas não de forma conceitual,

³⁴ “Lo propio de la inteligencia no es concebir y juzgar, sino habérselas con las cosas como realidad, aprehenderlas como realidad. Sólo entonces puede conducir también a concebir y juzgar”.

mas de forma senciente”³⁵ (Zubiri, 2016, p. 341). Isso esclarece por que Zubiri definiu a apreensão de realidade mediante a relação inseparável entre o sentir e inteligir, sem justaposições. “Inteligência senciente e o sentimento intelectual são, em meio a toda a sua multiplicidade, manifestações de um único fenômeno: o modo de apreensão da realidade”.³⁶ (Zubiri, 2016, p. 342). Há uma identidade com as observações concernentes à celebração litúrgica apontadas por Francisco (2022, p. 54), quando o Papa afirma que “[...] não se trata, repetimos, de uma adesão mental, ainda que nela esteja envolvida toda a nossa mente, bem como a nossa sensibilidade”.

Nenhuma inteligência é apenas apoiada na razão isolada. Há uma fecundação mútua no mundo e tudo está interligado, o que notabiliza a importância da inteligência senciente. Cada cultura ou agrupamento humano tem o seu mundo e suas formas de compreensão da realidade que não são apenas conceituais. É demasiado simplista reduzir a tensão do mundo humano a uma dialética conceitual. A luta de conceitos e a vitória de uma ideia sobre outra nunca conduzirá à paz ou à compreensão. A crise mundial do nosso tempo decorre de um conflito de razões.

REFERÊNCIAS

ESPINOSA, Ricardo. Algunas reflexiones sobre la “formalidad”, el “más” y el “hacia”. **The Xavier Zubiri Review**, Washington, DC, v. 5, p. 27-68, 2003.

FERNÁNDEZ TEJADA, José. Prefácio da Trilogia Inteligência Senciente. In: ZUBIRI, Xavier. **Inteligência e Realidade**. São Paulo: É Realizações,

2011. p. IX-XLVII.

FLÓREZ MIQUEL, Cirilo. Razón e inteligencia en Zubiri. **The Xavier Zubiri Review**, Washington, DC, v. 1, p. 17-21, 1998.

FRANCISCO, Papa. **Vamos sonhar juntos: o caminho para um futuro melhor**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

FRANCISCO, Papa. **A oração**. São Paulo: Paulus, 2021.

FRANCISCO, Papa. **Carta apostólica Desiderio Desideravi: sobre a formação litúrgica do povo de Deus**. São Paulo: Paulinas, 2022.

GONZÁLEZ, Ángel. Pensar filosóficamente la inteligencia artificial. **The Xavier Zubiri Review**, Washington, DC, v. 15, p. 107-127, 2021.

GONZÁLEZ, Antonio. **La novedad teológica de la filosofía de Zubiri**. Madrid: Fundación Xavier Zubiri, 1993.

GRACIA, Diego. Prólogo. In: TEJADA, José Fernández; CHERUBIN, Felipe. **O que é inteligência?** Filosofia da realidade em Xavier Zubiri. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2016. p. 1-6.

GRACIA, Diego. **El poder de lo real**. Leyendo a Zubiri. Madrid: Fundación Xavier Zubiri, Triacastela, 2017.

PINTOR-RAMOS, Antonio. **Genesis y formación de la filosofía de Zubiri**. Salamanca: Universidad Pontificia de Salamanca, 1983.

PINTOR-RAMOS, Antonio. **Realidad y verdad: as bases de la filosofía de Zubiri**. Salamanca: Universidad Pontificia de

³⁵ “La inteligencia aprehende la realidad, pero no de una manera conceptiva, sino de una manera sentiente”.

³⁶ “[...] no están simplemente yuxtapuestos. Inteligencia sentiente y sentir intelectual son, en medio de toda su multiplicidad, manifestaciones de un solo fenómeno: el modo de aprehensión de la realidad”.

Salamanca, 1994.

Recebido em: 21/05/2024

Aceito em: 19/06/2024

PINTOR-RAMOS, Antonio. **Nudos en la filosofía de Zubiri**. Salamanca: Publicaciones Universidad Pontificia de Salamanca, 2006.

SALAMANCA SERRANO, Antonio. El positivismo jurídico y el positivismo de Xavier Zubiri. **The Xavier Zubiri Review**, Washington, DC, v. 2, p. 27-53, 1999.

SAVIGNANO, Armando. El diálogo de Zubiri con Suárez: De la ontología a la metafísica. **The Xavier Zubiri Review**, Washington, DC, v. 15, p. 5-15, 2021.

SOTIL BAYLOS, Francisco Xavier. La conceptualización zubiriana de la presencia eucarística de Cristo: críticas y valoración de las mismas. **The Xavier Zubiri Review**, Washington, DC, v. 9, p. 19-68, 2007.

VERSCHUREN, Piet; DOOREWAARD, Hans. **Designing a research project**. Second edition. Hague: Eleven, 2010.

ZUBIRI, Xavier. **El hombre: lo real y lo irreal**. Madrid: Alianza Editorial; Fundación Xavier Zubiri, 2005.

ZUBIRI, Xavier. **Inteligência e Realidade**. São Paulo: É Realizações, 2011.

ZUBIRI, Xavier. **Los problemas fundamentales de la metafísica occidental**. Madrid: Alianza Editorial; Fundación Xavier Zubiri, 2016.

ZUBIRI, Xavier. **Reflexiones filosóficas sobre algunos problemas de teología**. Madrid: Alianza Editorial; Fundación Xavier Zubiri, 2019.

ZUBIRI, Xavier. **Filosofía primera**. Volumen I (1952-1953). Madrid: Alianza Editorial; Fundación Xavier Zubiri, 2021.